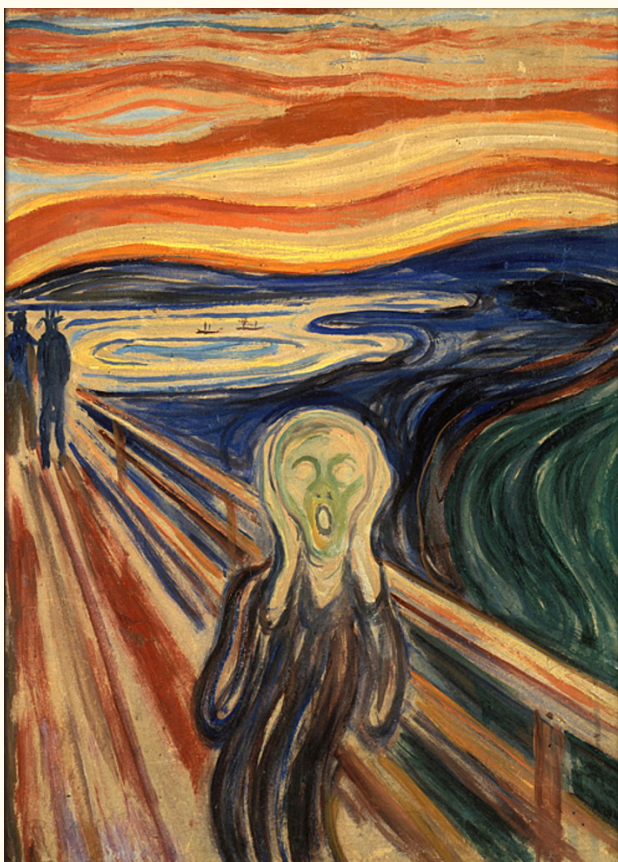


# O Grito.

*Plínio Natalino Silva  
Matheus Fernandes Franklin Avila*



MUNCH, Edvard. **O grito.** Óleo sobre tela, têmpera e Pastel sobre cartão.

Se nos colocássemos numa posição de tentar descrever a quarentena em uma palavra, qual seria? Pare um momento e pense nessa pergunta. Talvez agonizante, desesperadora, desafiadora, depressiva, pesadelo, insuportável poderiam ser boas alternativas para muita gente. Quando refletimos sobre como é estar em isolamento social, parece ser difícil escolher apenas uma questão, uma vez que trazemos à mente vários pontos sobre nosso comportamento, subjetividades; além dos aspectos político e socioeconômicos. Praticamente é um conjunto de crises existenciais na tentativa de pensar em tudo que

envolve não poder sair de casa por muito tempo.

Nós, estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), por exemplo, estamos nessa condição desde o dia 17 de março deste ano, quando a Administração Central da Universidade decretou a paralisação das atividades presenciais, como medida de prevenção ao novo coronavírus. Diante desse emaranhado de questões, que estão extremamente embaralhadas e confusas, nos propomos a tentar debater algumas delas.

Antes de tudo, precisamos nos situar, percebendo em que tipo de sociedade vivemos atualmente. Para essa primeira tarefa, vamos nos basear nas ideias de Dardot e Laval (2016), expressadas em seu livro *A nova razão do mundo*<sup>31</sup>, no qual buscam entender como a sociedade pensa, se organiza e se comporta inserida em um contexto de constantes mudanças nos âmbitos políticos e econômicos, correlacionadas a uma nova racionalidade maximizadora dos indivíduos.

Essa racionalidade, ou seja, essa conduta, na visão dos autores, é pautada na grande adaptação das pessoas às lógicas do mercado, no sentido de que esse comportamento é fruto de uma coação econômica e social que “visa obrigar os indivíduos a governarem a si mesmos sob a pressão da competição ou concorrência”<sup>32</sup>. Isso quer dizer que, iniciativas de concorrência do mercado foram adaptadas às subjetividades das pessoas, influenciando seu modo de pensar, trabalhar, agir e formular opiniões. Nesse sentido, o trabalho, sendo recompensado pelo dinheiro, se torna o centro

<sup>31</sup> DARDOT, Pierre & LAVAL, Cristian. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016.

<sup>32</sup> Idem, p.193.

das suas vidas e o principal elo de sociabilidade, o que, conseqüentemente, não dá lugar ao ócio. Pelo contrário, a partir do momento em que os indivíduos extrapolam para todos os âmbitos da vida os fundamentos da concorrência, eles tendem a otimizar seu tempo ao redor do trabalho — em um tipo claro de adestramento em relação ao dinheiro, nas palavras dos autores.

Tendo em mente como a nossa sociedade se comporta, é importante destacar alguns aspectos em que esse estilo de vida se relaciona com o isolamento social, como, por exemplo, a questão do trabalho, a autocobrança por produtividade e a grande desigualdade social.

Primeiramente, as novas condições de vida que o coronavírus nos impõe demandam novas formas de trabalho (para aqueles que ainda o possuem). O teletrabalho, mais conhecido como home office, acabou tendo uma expansão repentina, trazendo novas questões sobre a dinâmica da vida em isolamento social. Isso por que as barreiras da empresa invadem a casa, misturando o público e o privado.

As delimitações de espaço de trabalho e de descanso se confundem nesse novo arranjo. A ilusão que muitos possuem é que ganharam mais tempo, devido a não terem de se deslocar de suas casas. No entanto, as cobranças podem vir a qualquer momento por mensagem de aplicativos de comunicação, o que gera novas questões sobre o limite da atuação das empresas, como por exemplo, a própria duração da jornada de trabalho.<sup>33</sup>

Por outra via, há uma pressão para que utilizemos todo nosso novo tempo livre para sermos produtivos dentro de casa. “Faça um minicurso, estude uma nova linguagem de programação, aprenda um novo idioma, se adapte ao mercado”, podemos pensar essa fala como sendo um exemplo das inúmeras sugestões com as quais nos deparamos na internet. Como agentes maximizadores de

<sup>33</sup>MARTÍNEZ, Ivan; SOPRANA, Paula. **Whatsapp fora do horário de trabalho gera processo e condenação de empresas**. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/11/whatsapp-fora-do-horario-de-trabalho-gera-processo-e-condenacao-de-empresas.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

utilidade, a demanda imposta é que todo tempo seja despendido na produção, seja pelo trabalho ou aperfeiçoando nossas capacidades técnicas (capital humano). De certa maneira, isso se evidencia pela sensação de nos sentirmos mal por “não fazer nada” durante o dia, por maratonar uma série ou só ficar deitado. Mas, não é fácil fingir que tudo está bem e ser produtivo quando se está com medo<sup>34</sup>

Essas percepções estão intimamente ligadas com a conduta social que colocamos no início da resenha, em que o ócio é deixado de lado. Contudo, é necessário refletirmos em como isso nos afeta psicologicamente, num cenário hostil de isolamento. É preciso ter em mente que é normal não sermos produtivos em casa, afinal, o lar é um lugar que, em tese, deveria ser de descanso e não de trabalho.

Por outro lado, a expansão da pandemia também evidencia como nossa sociedade é desigual. Os mais afortunados ainda podem trabalhar no conforto de seus lares, enquanto grande parte da população que trabalha na informalidade se vê desempregada ou tendo que sair às ruas para poder ganhar seu pão, se arriscando num dilema entre morrer de fome ou de COVID-19. Para além disso, muitos trabalhadores nem possuem acesso ou garantia de estar em uma quarentena por não terem condições necessárias para seguir as recomendações da OMS de isolamento social, conforme foram tratados em textos anteriores.<sup>35</sup>

Nos arriscamos a afirmar que uma das principais marcas desse período de isolamento é o medo. Há medos e são todos legítimos. Perder o emprego, ser despejado, ficar sem dinheiro, passar fome, ser infectado pelo vírus, não ter o tratamento adequado ou ao menos um leito no hospital e medo da morte. Esses se misturam num momento em que não podemos ser, o que naturalmente somos: seres sociais.<sup>36</sup>

<sup>34</sup>Stop Trying to Be Productive. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/01/style/productivity-coronavirus.html>>. Acesso em: 16 abr. 2020.

<sup>35</sup>HABITAÇÃO EM MEIO À PANDEMIA: UM DEBATE NECESSÁRIO. Ano 28, n° 326, 16/04/2020.

<sup>36</sup>HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade. Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&pm, 2015.

Isso tudo contribui para deterioração da nossa saúde mental e afeta de diversas maneiras nossa sociabilidade. De fato, há um alerta sobre como o distanciamento social pode desencadear diversos problemas psicológicos, crises de ansiedade e até mesmo a depressão.<sup>37</sup>

Embora tenhamos levantado alguns aspectos problemáticos do isolamento social, gostaríamos de ressaltar nosso posicionamento em prol da quarentena, como forma de controle e combate ao novo coronavírus. O que foi apontado, na verdade, são as problemáticas sobre a forma de vida que a sociedade tem levado para dentro de casa. Nesse sentido, questiona-se também essa lógica normativa que tornou esses dias mais difíceis. Ademais, ainda que seja difícil, é necessário ampliarmos nossa rede de solidariedade com quem está passando por esse momento da pior forma, tendo em vista as inúmeras desigualdades já mencionadas.

A obra *O Grito* (1893), do artista norueguês Edvard Munch, representa uma figura em num estado de profunda angústia, de crise, de desespero e inquietação em relação à sua existência. As cores quentes e as pinceladas vibrantes ao fundo da tela remetem ao céu da Europa após a erupção e explosão do vulcão Krakatoa na Indonésia no período de confecção da pintura, que traz à tona o medo de que as tragédias ocorridas pela erupção cheguem no local. Essas cores e a expressão de grito da figura nos remetem ao que está entalado, esse desejo de gritar devido às cargas emocionais, psicológicas e socioeconômicas que esse período de isolamento nos confere. A angústia, a ansiedade pelo fim, as crises, a morte da esperança por dias melhores e, principalmente, o medo.

Tal expressão também evidencia como o modo de sociabilidade, a normatização e a racionalidade das pessoas atrelada ao mercado potencializa os problemas apontados neste texto. O nosso grito é contra as aflições

provocadas por essa forma de vida, contra essa liberdade condicionada a uma razão subjetiva que a antecede, contra um tipo de sociabilidade e de reprodução da vida material que acentuam e naturalizam a desigualdade, a exclusão e a miséria. Nosso grito é contra essa forma de vida, que se revelou insuportável frente à pandemia. As diferentes realidades que o isolamento produz requerem mais solidariedade. E como diz uma frase difundida na mídia ultimamente: "estamos na mesma tempestade, mas não estamos no mesmo barco."

---

<sup>37</sup>OMS. *Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak*. 2020. Disponível em: <[https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af\\_2](https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf?sfvrsn=6d3578af_2)>. Acesso em: 12 abr. 2020